

Coim
Cat. XXV
Ca. B
N.º

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO I



COIMBRA / 1940

ARMANDO DE MATOS : *Evolução histórica das armas nacionais portuguesas*,
Porto, 1939, 138 págs.

Convencido de que «o conhecimento da evolução histórica das armas portuguesas, hoje mais do que nunca, deve ser o fulcro de urna bem precisa e consciente mística nacional» ; convencido ainda de que o assunto «está por estudar em conjunto e numa sequência metódica e racional»; o Sr. Armando de Matos, que já tinha firmado os seus méritos de heraldista com a publicação de numerosos trabalhos, não se limita aqui a traçar a evolução do escudo nacional desde a sua origem até aos nossos dias. Vai mais longe : levanta dúvidas, desfaz equívocos, investiga, propõe soluções. E fá-lo honestamente, seguindo uma orientação a todos os títulos apreciável.

Consta éste trabalho, além duma introdução em que se apresentam ideias gerais, de dezanove capítulos em que A. de M., depois de se referir sucintamente à «lenda de Ourique», estuda a origem das armas portuguesas, invocando testemunhos de ordem diplomática, esfragística e numismática, e onde, depois de analisar as peças que as compõem (escudetes, besantes, bordadura, «Portugal-antigo», a cruz de Aviz), as que a rematam (elmo, coroa, timbre), e ainda os ornatos exteriores que por vezes lhe foram apostos, se ocupa do formato dos escudos, das armas do Reino-Unido de Portugal e Brasil, e das armas do Algarve, fazendo finalmente uma série de considerações sobre a bandeira nacional, as armas nacionais e a arte, e uma interessante sugestão sobre a maneira de remediar «os êrros actuais das armas de Portugal».

Sem pretendermos entrar no exame minucioso da obra, queremos, no entanto, referir-nos a um ponto que especialmente chamou a nossa atenção : o significado atribuído à bordadura de castelos que figura no brasão português desde D. Afonso m.

Quando, em 1924, o Prof. Doutor António de Vasconcelos publicou na revista *Lusitânia* o seu estudo sobre *O escudo nacional português* escrevia :

«¿ Qual a razão dêste acrescentamento ? Diz-se que se fez para simbolizar no escudo a incorporação no reino de Portugal

dos castelos e território do reino do Algarve, conquistados aos mouros ».

E continua : «Sim. Nos castelos com que foi bordado o escudo português, certamente se recorda a conquista dos castelos algarvios. E note-se — diz ainda — que essa bordadura foi acrescentada, logo depois que se ultimou a conquista do Algarve, não se esperando pela liquidação da pendência que houve com o príncipe herdeiro de Castela, depois Afonso x o sábio ; fez-se êste acrescentamento muito antes de Afonso m juntar ao título de *Rex Portugaliae* o outro genitivo *et Algarbih* (vol. i, pág. 333).

Bastaria o facto da bordadura aparecer antes de D. Afonso m adoptar o titulo de rei do Algarve, para a interpretação nos suscitar dúvidas. Mas há mais : o chamado reino do Algarve possuía a sua representação heráldica que, no entanto, nunca figurou nas armas portuguesas — «uma cabeça de rei mouro, coroada, alternando num esquartelado com uma cabeça de rei branco, igualmente coroada» (4).

O Dr. Armando de Matos procura resolver o problema, começando por examinar o sentido heráldico de *bordadura* — «primeira das peças honrosas de segunda ordem usada como diterença ãas armas dos *filhos segundos*».

Assim, sendo D. Afonso m *filho segundo*, «nas suas armas acrescentou a *bordadura vermelha com os castelos de ouro*, pela razão de sua mãe ser princesa de Castela».

E, em abono desta opinião cita três casos semelhantes, sucedidos com Afonso e Roberto de França, primos direitos do Bolonhês, e João de Eltham, filho de Eduardo n de Inglaterra.

— Está definitivamente resolvida o problema ?

A solução apresentada é, pelo menos, verosímil e satisfatória.

T. S. S.

(!) A. de M. julga que êste arranjo heráldico teria a sua origem «no selo de *Iahudah ben Iaioch ibn lahia*, judeu notável do tempo de D. Afonso Henriques, ou talvez mais tarde, no escudo com as 4 cabeças de reis mouros, ordenado por Pedro 1 de Aragão, em memória duma quádrupla vitória» (pág 122). Infelizmente, porém, não nos indica as fontes de informação sôbre o selo do judeu Iahudah, nem sôbre o escudo ordenado pelo rei aragonês — falta grave que não podia de maneira nenhuma passar-nos despercebida.